

[PORTUGUÊS]

Explorando o empreendedorismo interseccional feminista: Um olhar sobre a prática, a teoria e a educação para a justiça, a equidade, a diversidade, a descolonização, a inclusão e a indigenização

Stream organizers

Ana Rodrigues, master student, University of São Paulo, researcher in entrepreneurship, gender and accounting. anacarolina.orc@gmail.com

Andy Wear, senior lecturer, University of Melbourne, researcher in critical pedagogies, decolonising education and philosophy of education. andy.wear@unimelb.edu.au

Barbara Voss, assistant professor, University of Canberra, researcher in gender, sexuality, diversity and equity at work. Barbara.Voss@canberra.edu.au

Michelle Evans, associate professor, University of Melbourne, researcher in Indigenous business development, Indigenous leadership. michelle.evans@unimelb.edu.au

Sandra Cerqueira da Silva, assistant professor, State University of Feira de Santana, Special Affirmative Policy Advisor (UEFS). sandraam@uefs.br

Silvia Casa Nova, full professor, University of São Paulo, Associate Editor of Accounting Education. Member of the Scientific Editorial Board of RAE, RAUSP, Prospectus, Organizações & Sociedade, Brazil, and Innovar and Revista Activos, Colômbia. silvianova@usp.br

Esta chamada para resumos tem como objetivo avançar na pesquisa sobre formas alternativas de empreendedorismo e educação empreendedora que incluam "outros" e grupos não hegemônicos que foram excluídos do acesso a oportunidades empreendedoras. Esses grupos geralmente são excluídos por causa de seus marcadores sociais, gênero, cor da pele, deficiências, sexualidade, identidade, histórico cultural, status de imigração, entre outros. A literatura sobre empreendedorismo tem sido orientada pelo imaginário do homem jovem, branco, heterossexual e financeiramente capaz, que empreende um projeto empresarial porque identificou uma oportunidade e está agindo de acordo com ela. Além disso, grande parte da literatura se concentra no contexto do Norte Global, principalmente nos Estados Unidos e na Europa Central. Por outro lado, ao longo do tempo, é o empreendedorismo alternativo, muitas vezes chamado de empreendedorismo por necessidade, que tem permitido a sobrevivência de grupos historicamente excluídos e subalternizados, em países que estão posicionados à margem, no lado oprimido do processo de colonização. Além disso, o mundo ainda enfrenta consequências negativas nas atividades sociais, produtivas e econômicas devido à pandemia causada pela Covid-19. Em vários países, a pandemia eclodiu em um contexto pré-existente de relações de trabalho precárias, no qual formas alternativas de empreendedorismo foram deixadas de fora da maioria das discussões existentes na literatura.

A discriminação não tem uma única face; ela acontece em nossa vida diária devido às opressões que estão embutidas nas estruturas sociais. Para exemplificar, formalmente, a presença das mulheres tem sido invisibilizada. A presença de mulheres é pequena, principalmente se buscarmos a

representação de mulheres latino-americanas, amefricanas ou africanas (Lélia Gonzales, 1988; Djamilia Ribeiro, 2019). De fato, exemplos da falta de representação das minorias estão na mídia (dominada principalmente por pessoas de pele clara, do gênero masculino e heterossexuais), apoiada pela expectativa da sociedade de atender a determinados padrões ou normas sociais e, portanto, interferindo na inclusão ou exclusão de determinados grupos em muitas áreas da sociedade.

Estamos vivendo em tempos hiper-raciais (Annisette & Prasad, 2017) que são exacerbados pelos movimentos "Black Lives Matter" em todas as partes do mundo. Tomando o contexto brasileiro como exemplo, a maioria da população é negra (56,1%) e as mulheres negras correspondem ao grupo populacional que mais sofre com problemas relacionados a desigualdades sociais e econômicas. Ainda no Brasil, os negros representam 75,2% da população com os menores rendimentos, sendo a maioria entre os trabalhadores desocupados (64,2%) ou subutilizados (66,1%), tendo que recorrer ao empreendedorismo como fonte de renda.

Santos, Marques y Ferreira (2018) indican que existe una corriente emergente de estudios sobre el emprendimiento femenino que analiza la identidad de género y las conceptualizaciones teóricas. El racismo no es solo un problema de los países en desarrollo (véase la campaña "Racism: It stops with me" en Australia). Esta vertiente, que utiliza lentes del postestructuralismo feminista, analiza cómo las mujeres, las mujeres trans, las personas no binarias y otras identidades de género tienen en cuenta la familia, las redes y la cultura como factores diferenciadores y determinantes a la hora de emprender.

Los trabajos pioneros han sido decisivos para abrir posibilidades y ampliar los debates tanto en términos de temas -como el trabajo de Cheryl Lehman (1992) sobre la presencia histórica de las mujeres en la profesión contable- como de lentes teóricas, como Gendron & Baker (2005). Las normas heteronormativas restringen y moldean las formas de sexualidad, identidad, género y expresiones profesionales en el lugar de trabajo (Egan & Voss, 2022; Rumens, 2016; Carmona & Ezzamel, 2016; Joyce & Walker, 2015; Kornberger, Carter, & Ross-Smith, 2010; Kumra & Vinnicombe, 2008; Shearer & Arrington, 1993; Grey, 1998).

Assim, nossa proposta é usar a lente interseccional do feminismo negro, respeitando suas raízes históricas até o momento atual, como ponto de partida para aprofundar nossa compreensão da dinâmica que sustenta e expande a pesquisa sobre formas de empreendedorismo. No entanto, aceitamos outras lentes teóricas para análise. Usando insights da teoria queer, também sugerimos que as formas de empreendedorismo estão socialmente sujeitas a uma norma heteronormativa (Butler, 1990). Isso é o que estamos chamando de empreendedorismo feminista interseccional, que tem sido, em nossa percepção, relegado a segundo plano na pesquisa científica, mas que tem sido a fonte de sustento de muitas famílias lideradas por mulheres, em países que são vistos como estando à margem dos processos de crescimento e desenvolvimento. É importante estudar e compreender essas dinâmicas empresariais que criam as possibilidades reais de sobrevivência e re(x)istência para as mulheres e grupos não hegemônicos e em formas decoloniais de pensar e fazer.

Com isso, esperamos expandir não apenas a imagem do empreendedorismo para incluir essas mulheres e outros grupos não hegemônicos, mas também a compreensão do que é empreendedorismo. Isso porque, entre os países que ditam o ritmo do avanço e os países que não estão no mesmo ritmo, a percepção do empreendedorismo adota uma roupagem diferente. Nesses

últimos, o empreendedorismo é movido pela necessidade de sobrevivência aliada à falta de oportunidades imposta a grupos específicos da população, e não necessariamente para inovar o mercado em produtos e processos e para acumular capital. Dessa forma, evita-se a armadilha da distinção simplista entre empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade. Como agravante ao cenário apresentado, houve o contexto trazido pela pandemia da COVID-19, que coloca em risco a sobrevivência desses empreendedores e destaca a necessidade de (re)pensar (sobre) a importância

Quanto à epistemologia do conhecimento sobre o tema, notamos também que a literatura aponta as relações entre o Sul e o Norte globais como frequentemente antagônicas. Há ainda outros que se relacionam à migração, ao empreendedorismo e ao gênero, os enclaves étnicos são definidos por Portes e Jensen (1989) como espaços geograficamente delimitados de negócios administrados por imigrantes e com produtos e serviços voltados para aquela comunidade, e dentro desses enclaves surgem negócios administrados por e para mulheres imigrantes. Assim, a presente convocação tem como objetivo estabelecer um diálogo entre pesquisadores do Sul Global e pesquisadores do Norte Global, abrangendo experiências únicas e contextualizadas e reivindicando outra forma de globalização (Santos, 1999, 2000).

Quanto à forma de expressão, em coerência com a proposta do feminismo negro, a chamada está aberta a várias formas de registro escrito e gêneros de pesquisa, entre os quais citamos escrituras (Evaristo, 2020), elogios, escrita feminista, narrativas, diários, reflexões e outras formas de conhecimento subjulgado. Adotamos aqui o conceito de escrita diferente (Pullen, Helin & Harding, 2020). Assim, pretendemos atrair pesquisadores envolvidos com a compreensão do empreendedorismo feminista interseccional e das teorias (pós)feministas, desde suas raízes históricas até o momento atual, para aprofundar nosso conhecimento sobre a dinâmica de sustentação e expansão desse ramo de atividade econômica, relegado a segundo plano nas pesquisas científicas, mas fonte de sustento de muitas famílias que sobrevivem em países à margem dos processos de crescimento e desenvolvimento. Ressaltamos também a expectativa de receber propostas de diferentes países e regiões, em vista disso, é importante enfatizar o papel fundante do contexto para destacar as realidades sociais e suas contribuições singulares (Gendron, 2019). Com esta proposta, esperamos superar as barreiras linguísticas, contextuais e epistemológicas que frequentemente marginalizam e silenciam diversas realidades, especialmente as provenientes do Sul global. Usamos o termo "mulheres" para incluir também pessoas não binárias e com diversidade de gênero e mulheres trans. Entre os tópicos sugeridos estão (mas não se limitam a):

- (a) Afroempreendedorismo feminino e raízes históricas do empreendedorismo feminino negro;
- (b) Agroempreendedorismo, produção e comercialização de alimentos, direitos à terra e gênero;
- (c) Desemprego, pandemia e empreendedorismo;
- (d) Gestão de capital e financiamento para mulheres empreendedoras;
- (e) Educação empreendedora;
- (f) Empreendedorismo cultural diversificado;
- (g) Empreendedorismo da base da pirâmide, formas locais de empreendedorismo e a participação de grandes empresas;
- (h) Empreendedorismo acadêmico feminino e a precarização do trabalho em universidades neoliberais;
- (i) O empreendedorismo feminino como base dos movimentos sociais;

- (j) O empreendedorismo feminino durante a prisão e a ressocialização;
- (k) Empreendedorismo feminino e condições precárias de emprego;
- (l) Empreendedorismo feminino e etarismo;
- (m) Empreendedorismo feminino em redes e redes de empreendedores, e solidariedade;
- (n) Empreendedorismo feminino solitário, do (Eu)preendedor(a)?
- (o) Empreendedorismo feminino em serviços domésticos e de cuidados, trabalho não remunerado, cuidados e gênero;
- (p) Empreendedorismo feminino, novos entrantes e a dívida de pertencer/sobreviver;
- (q) Empreendedorismo indígena e de outros povos indígenas;
- (r) Empreendedorismo queer, de gênero diverso e não binário;
- (s) Empreendedorismo social e cultural sob a ótica do gênero;
- (t) Empreendedorismo, terapia do trabalho e saúde mental;
- (u) Novos enclaves étnicos, mulheres e empreendedorismo
- (v) Transempreendedorismo, empregos trans e a quebra do binarismo de gênero;
- (w) Ensino-aprendizagem de empreendedorismo na/da/para a Escola de Administração: como superar a educação bancária para ensinar-aprender com empreendedores alternativos não convencionais?

Envie perguntas sobre esse tema para Ana Rodrigues e Silvia Casa Nova: anacarolina.orc@gmail.com e silvianova@usp.br.

Resumos de aproximadamente 500 palavras (excluindo referências) devem ser enviados para o sistema de submissão da GWO 2024 hospedado pela FourWaves. O link estará disponível no site da [conferência GWO 2024](#) a partir de 6 de novembro de 2023. Não serão consideradas submissões independentes de resumos (ou seja, resumos enviados para o email pessoal de alguém) para aceitação ou apresentação na conferência. As pessoas coordenadoras de linha temática conduzirão um processo de revisão cega e encaminharão os resumos para o comitê organizador da GWO para consideração na sessão aberta, quando apropriado. O resumo em si não deve conter detalhes do autor para garantir esse processo de revisão cega. As especificações de formatação do resumo estão disponíveis no sistema de submissão. Os resumos devem ser enviados até 22 de dezembro de 2023, com as decisões sobre a aceitação a serem tomadas pelas pessoas coordenadoras de sessão até o final de janeiro de 2024. Não serão possíveis prorrogações para este prazo, pois alguns participantes precisarão de tempo e documentos de justificção para obter vistos para comparecer à conferência no local.

Nesta sessão, aceitamos resumos escritos em inglês, português, espanhol ou francês.

References | Referências

- Ahmed, S., Kilby, J., Lury, C., McNeil, M., McNeil, M., & Skeggs, B. (2000). *Transformations: Thinking through feminism*. Psychology Press.
- Annisette, M., & Prasad, A. (2017). Critical accounting research in hyper-racial times. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 5-19. doi:<https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.06.002>
- Bairros, L. (1995). Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, 3(2), 458-458.

- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Carmona, S., & Ezzamel, M. (2016). Accounting and lived experience in the gendered workplace. *Accounting, Organizations and Society*, 49, 1-8.
- Collins, P. H. (2000). Gender, black feminism, and black political economy. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 568(1), 41-53.
- Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1, 26-46.
- Crenshaw, K. (2002). Background paper for the expert meeting on the gender-related aspects of race discrimination. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Egan, M. and B. d. L. Voss (2022). "Redressing the Big 4's male, pale and stale image, through LGBTIQ+ ethical praxis." *Critical Perspectives on Accounting*.
- Gendron, Y., & Baker, C. R. (2005). On interdisciplinary movements: The development of a network of support around Foucaultian perspectives in accounting research. *European Accounting Review*, 14(3), 525-569.
- Gendron, Y. (2019). Mantendo-se fiel ao contexto. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 80-95.
- Gonzalez, L.. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). p. 69-82.
- Grey, C. (1998). On being a professional in a "Big Six" firm. *Accounting, Organizations and Society*, 23(5-6), 569-587.
- Joyce, Y., & Walker, S. P. (2015). Gender essentialism and occupational segregation in insolvency practice. *Accounting, Organizations and Society*, 40, 41-60.
- Kornberger, M., Carter, C., & Ross-Smith, A. (2010). Changing gender domination in a Big Four accounting firm: Flexibility, performance and client service in practice. *Accounting, Organizations and Society*, 35(8), 775-791.
- Kumra, S., & Vinnicombe, S. (2008). A study of the promotion to partner process in a professional services firm: How women are disadvantaged. *British Journal of Management*, 19, S65-S74.
- Lehman, C. R. (1992). "Herstory" in accounting: The first eighty years. *Accounting, Organizations and Society*, 17(3-4), 261-285.
- Pullen, A., Helin, J., & Harding, N. (Eds.). (2020). *Writing differently*. Emerald Group Publishing.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Rumens, N. (2016). Towards queering the business school: A research agenda for advancing lesbian, gay, bisexual and trans perspectives and issues. *Gender, Work & Organization*, 23(1), 36-51.
- Santos, G., Marques, C. S., & Ferreira, J. J. (2018). A look back over the past 40 years of female entrepreneurship: mapping knowledge networks. *Scientometrics*, 115(2), 953-987.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Santos, M. (1999). O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos Ippur*, 2, 15-25.
- Shearer, T. L., & Arrington, C. E. (1993). Accounting in other words: a feminism without reserve. *Accounting, Organizations and Society*, 18(2-3), 253-272.